

Factores de risco e factores protectores relacionados com o consumo de tabaco por sexos

José Precioso¹, Catarina Samorinha², Carlos Albuquerque³, Henedina Antunes⁴, Jorge Bonito⁵, Luís Rebelo⁶, Manuel Rosas⁷

1.Universidade do Minho. precioso@iep.uminho.pt

2. Universidade do Minho. catarina_samorinha@yahoo.com

3. Escola Superior de Saúde de Viseu. cmalbuquerque@portugalmail.pt

4.Hospital de S. Marcos. henedina@clix.pt

5. Universidade de Évora. jbonito@uevora.pt

6.Faculdade de Medicina de Lisboa. lrebelo@sapo.pt

7.Administração Regional de Saúde do Norte. manuelalvesrosas@gmail.com

RESUMO

O objectivo principal deste estudo foi identificar e descrever factores de risco e factores protectores relacionados com as várias fases do consumo de tabaco, por sexos. Recorreu-se à técnica de grupos focais ou entrevistas de grupo, a fumadores e não fumadores, de ambos os sexos, que permitiu identificar vários factores de risco e factores protectores relacionados com o consumo, já referidos noutros estudos, designadamente: a curiosidade; o desconhecimento do risco; a imaturidade; ter familiares e amigos fumadores; a acessibilidade/disponibilidade da substância, o preço acessível e sair à noite. Foram encontradas algumas diferenças entre os sexos. São necessários mais estudos para aprofundar o conhecimento dos determinantes do consumo de tabaco, em função do sexo, para elaborar programas preventivos eficazes.

Palavras-chave: Tabagismo; factores de risco; prevenção

INTRODUÇÃO

O consumo de tabaco é um problema económico, de saúde, grave, muito difundido e em expansão (mas vulnerável, tal como se revelaram outros problemas de saúde no passado, e como atestam as reduções na prevalência, registada em países que fizeram esforços para controlar a epidemia, como é o caso dos Estados Unidos, da Finlândia e da Suécia). Segundo os dados do Inquérito Nacional de Saúde (INS) de 2006, 20.8% dos portugueses e portuguesas, com 15 ou mais anos fumavam diariamente, sendo o hábito de fumar mais prevalente nos homens (30.6%) do que nas mulheres (11.6%). Constatava-se que a prevalência de fumadores era especialmente elevada nos grupos etários dos 25 aos 34 anos (39% dos homens e 17.6 nas mulheres) e dos 35 aos 44 anos (44.6% dos homens e 21.2% da mulheres). Os dados dos INS mostram que, no período de 1987 a 2006, se registou um ligeiro decréscimo (2.7%) da prevalência do consumo diário de tabaco nos homens, ao contrário do que se passou com as mulheres, onde se verificou um aumento da prevalência de fumadoras de 6.8%.

Os dados do Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC) referentes ao consumo de tabaco aos 11, 13 e 15 anos, no período de 1998-2002, revelam que o problema do consumo de tabaco nos jovens escolarizados se tem vindo a agravar, particularmente nas raparigas (Currie *et al.*, 2000; 2004). Os dados permitem inferir que as intervenções preventivas não têm dado o resultado esperado. Para travar a progressão da epidemia tabágica, é necessário conhecer a sua etiologia, ou seja, compreender quando, onde e porque é que as crianças e os adolescentes, em particular do sexo feminino, se tornam fumadores. Com base nas respostas a estas questões poderão desenhar-se intervenções mais eficazes, para prevenir o consumo.

Efectuaram-se estudos, designadamente em Portugal (Precioso, 2004) para tentar determinar os principais factores de risco e protectores relacionados com a progressão nos vários estágios da carreira de fumador. No entanto, estes são inconclusivos em relação a diferenças entre os sexos em vários factores.

Objectivo

Identificar e descrever os factores de risco e os factores protectores relacionados com as várias fases do consumo de tabaco, por sexos; identificar possíveis variáveis a incluir num questionário para um estudo quantitativo acerca dos determinantes de consumo de tabaco, em crianças e adolescentes.

METODOLOGIA

Esta investigação é de carácter qualitativo, com recurso à técnica dos grupos focais ou entrevistas de grupo (Barbour & Kitzinger, 1999; Denzin & Lincoln, 1994; Morgan, 1998b) a fumadores e não fumadores, de ambos os sexos. Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de recolha de dados através das interacções grupais, onde se discute um tópico específico sugerido pelo investigador. Sendo um método directo de recolha de dados, os grupos focais constituem também um instrumento para explorar um determinado domínio, com o intuito de desenvolver instrumentos de pesquisa mais estruturados (Fowler, 1993; Morgan, 1997).

Amostra

A amostra total é constituída por 28 alunos da Universidade do Minho, distribuídos por 4 grupos (Tabela 1): fumadores (N=6); fumadoras (N=7); não fumadores (N=8); não fumadoras (N=7) (Tabela1). Os critérios de inclusão da amostra consistiam em ser estudante universitário e ter uma idade compreendida entre os 18 e os 25 anos. Foram seleccionadas por conveniência turmas pertencentes a áreas distintas: Educação, Línguas, Economia, Direito, Psicologia, Engenharia Biomédica, Engenharia Biológica, Ciências da Comunicação, às quais foi feita uma abordagem directa, pelos investigadores, em contexto de sala de aula, tendo sido explicados os propósitos do estudo e pedida a colaboração voluntária. O recrutamento da amostra terminou quando se considerou que existia um número adequado de indivíduos para formar cada um dos grupos que, segundo Morgan (1998a), se deve situar entre 6 e 10 elementos.

Tabela 1. Descrição da amostra.

	Fumadores	Fumadoras	Não fumadores	Não fumadoras
N.º de participantes	6	7	7	8
Idade: M (DP)	23.50 (1.86)	23 (1.62)	21 (2.8)	21 (1.3)
Cursos				
▪ Educação		X	X	X
▪ Psicologia	X	X	X	X
▪ Engenharias	X		X	X
▪ Geologia			X	
▪ Medicina			X	
▪ Direito		X		
▪ Relações Intern.	X			
▪ Arquitectura				

Validação e estrutura dos guiões

Foram elaborados dois guiões semi-estruturados de questões: um para os grupos dos fumadores/as e outro para os não fumadores/as. Pretendeu-se obter dados acerca dos factores de risco para a experimentação, consumo ocasional e regular de tabaco e percepção dos factores protectores do não consumo; nos/as não fumadores/as – factores protectores do consumo de tabaco; percepção dos factores de risco para a experimentação e consumo regular de tabaco; percepção dos factores associados ao maior consumo de tabaco nas mulheres (todos os grupos).

Tendo em conta os objectivos do estudo, foram elaboradas questões abertas – para os tópicos onde se pretendia explorar as percepções e opiniões dos participantes – e questões fechadas – de forma a obter dados mais concretos das suas experiências. Os guiões foram revistos e aprovados pela equipa de investigação bem como pelo consultor do projecto de investigação financiado pela FCT, em que este estudo se insere. Seguidamente, procedeu-se a uma validação destes, com a realização de entrevistas a uma fumadora e a uma não fumadora. O guião final incluía as seguintes questões para os grupos de fumadores/as: *Descrevam, por favor, o vosso percurso de*

não fumador até fumadores regulares (mais que um cigarro por dia); Quando e como se tornaram fumadores regulares/dependentes?; Actualmente, porque continuam a fumar?; Porque é que os vossos colegas que não fumam, não começaram a fumar?; e, em relação aos grupos de não fumadores/as, as seguintes: Porque é que não começaram a fumar?; Porque é que os vossos colegas começaram a fumar? Porque é que os fumadores/as continuam a fumar? e uma questão dirigida a todos os grupos: Existe um marcado aumento do consumo de tabaco nas mulheres. Podem dar uma explicação para esse facto?

Foi também utilizada uma ficha de participação, com os dados demográficos dos participantes, e as sessões foram registadas na totalidade em gravação digital.

Procedimento

As sessões duraram, em média, 90 minutos e decorreram numa sala organizada para o efeito, de forma a permitir o contacto ocular entre si e com os investigadores. Os grupos foram coordenados por um moderador, assistido por um co-investigador. A estrutura foi a mesma para os quatro grupos: os participantes foram informados dos propósitos do estudo bem como dos procedimentos (consentimento informado). Seguidamente, foi enfatizada uma abordagem do tipo “think back”, de acordo com Krueger (1998): é pedido aos participantes para que reflectam nas suas experiências pessoais e só depois respondam à questão, como forma focar no passado e evitar a tendência natural de evocar a experiência mais imediata do “aqui e agora”. A partir desta tarefa, dava-se início à gravação, pela ordem de questões apresentada.

As gravações foram transcritas na totalidade e cada intervenção codificada de acordo com categorias pré-estabelecidas dos determinantes de consumo de tabaco nos adolescentes, fundamentadas na revisão bibliográfica acerca do tema – factores individuais, micro-sociais, macro-sociais e ambientais. Os dados foram, assim, alvo de uma análise de conteúdo (Bardin, 2007): foram organizados, primeiro, de acordo com a categorização pré-estabelecida e, depois, por sub-categorias pré-existentes, anotando-se a presença/ausência de cada sub-categoria, por grupo, e registando-se exemplos ilustrativos de cada uma. Foram acrescentadas novas sub-categorias que surgiram e retiradas as que não foram representadas no discurso dos participantes.

RESULTADOS

Neste artigo, são apresentados os resultados relativos aos factores de risco identificados pelos grupos de fumadores/as e aos factores protectores identificados pelos grupos de não fumadores/as.

1. Grupos focais dos fumadores e das fumadoras

1.1 Factores de risco relacionados com a experimentação

Idade – constata-se que há diferenças de indivíduo para indivíduo, em relação à idade, local e “pessoas com quem estavam” quando experimentaram fumar pela primeira vez. No geral, nos rapazes, a experimentação ocorreu maioritariamente entre o 6º e o 7º anos de escolaridade, variando as idades entre os 11 e os 13 anos, sendo a média de 11.67 anos (DP= 0.82). Nas raparigas, a experimentação ocorreu em idades mais díspares, entre os 7 e os 17 anos, sendo a média de 13.29 anos (DP=3.15).

Local – o primeiro consumo, nos rapazes, aconteceu na escola (Ex.: *Foi no intervalo da escola, com o grupo de amigos mais chegados.*) ou em casa (Ex.: *Comecei a fumar sozinho, em casa, roubando uns cigarros ao meu pai, na noite anterior.*). Nas raparigas, ocorreu na escola, em casa ou em “sítios escondidos” (Ex.: *Antes de chegar à escola, escondi-me numa rua; Atrás de uma árvore.*)

Pessoas presentes – tanto os rapazes como as raparigas experimentaram fumar no contexto do grupo de amigos ou sozinhos. Ex.: *Na viagem de finalistas (rapaz); Um dia arranjei um cigarro, tirei da mala de uma amiga da minha mãe e vim fumar para a parte de fora de minha casa (rapariga).*

Quadro 1. Experimentação nos rapazes e nas raparigas fumadores/as

DADOS DESCRITIVOS RELACIONADOS COM A EXPERIMENTAÇÃO			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FUMADORES	FUMADORAS
Idade	Média (Desvio-Padrão)		
		11.67 (0.82)	13.29 (3.15)
Presença / Ausência			
Local	Casa	✓	✓
	Escola	✓	✓
	Outros (“sítios escondidos”)		✓
Pessoas presentes	Grupo de amigos/as	✓	✓
	Sozinho	✓	✓

De um modo geral, tanto o grupo dos fumadores como o das fumadoras enunciaram factores de risco individuais, micro e macro sociais e ambientais relacionados com a experimentação de tabaco. Os factores individuais e os ambientais são os que apresentam um maior número de sub-categorias identificadas (Quadro 2).

1.1.1 Factores individuais

Rebeldia – ambos os grupos identificam a rebeldia como uma característica individual que predispõe ao consumo de tabaco: *Era criança e acho que “o que é proibido é o mais apetecido”* (fumador); *Eu tinha alguns grupos que não fumavam, mas identificava-me muito mais com aqueles que eram os rebeldes...!* (fumadora).

Curiosidade – mencionado em ambos os grupos: *O factor relacionado com a primeira experiência acho que foi mesmo curiosidade, queria ver como era...* (fumador); (...) *para tentar saber qual era a experiência, qual era o gosto dos fumadores que fumavam todos os dias* (fumadora).

Noção errada do risco de fumar – factor identificado apenas no grupo dos fumadores: *No início, acho que ninguém sabe bem; (...) puramente pela brincadeira, nem sequer travar nem nada do gosto do cigarro, era só entrar o fumo para dentro e deitar fora.*

Norma subjectiva – a percepção de que fumar é um comportamento aprovado e desejado pelas pessoas significativas (neste caso, os amigos/as) foi referida pelas fumadoras: (...) *A minha turma toda lembrou-se de comprar um Lucky Strike e toda a gente ia experimentar fumar, para dizer “eu já fumei e tal...!”. E eu fumei* (fumadora); *para se entrar no grupo, foi importante na altura* (fumadora).

Imaturidade – referida pelo grupo das fumadoras: *A primeira vez que fumei um cigarro, tinha perfeita noção dos perigos e do que é que isso significava, talvez não tivesse a maturidade para os ponderar devidamente, mas que os conhecia, conhecia.*

Ambos os grupos referem a rebeldia e a curiosidade como factores relacionados com a experimentação. A sub-categoria noção errada dos riscos surge apenas nos homens; a norma subjectiva e a imaturidade são referidas apenas pelas mulheres.

1.1.2 Factores micro-sociais

Familiares fumadores – os grupos referem que o facto de terem familiares fumadores potenciou o conhecimento da substância e forma de utilização, bem como o acesso a ela: *A minha mãe fumava Ritz na altura e eu roubava-lhe um maço de tabaco* (fumador); *O meu avô estava a fumar, estava distraído, eu peguei...* (fumador); *Eu e os meus irmãos achávamos engraçado o meu pai fumar* (fumadora); (...) *foi mais por ver a minha mãe a fumar, que a minha mãe travava o fumo* (fumadora).

Pares fumadores – ambos os grupos identificam o facto de ter amigos fumadores como um factor com muito peso no início do consumo: *Ofereciam: “queres um cigarro?”* (fumador); *Tinha bastantes colegas que fumavam no café* (fumadora); *Duas colegas minhas fumavam já e eu disse que queria experimentar.* (fumadora).

Pouca vigilância parental – referido no grupo dos homens: *...eu ficava em casa e passava muito tempo sozinho.*

Ambos os grupos referem o facto de ter familiares fumadores e um grupo de pares de fumadores, com os quais convivem diariamente, como uma influência na sua primeira experiência com tabaco, sendo a pouca vigilância parental referida apenas no grupo dos homens.

1.1.3 Factores macro-sociais

Norma social – fumadores e fumadoras consideram que o facto de perceberem que fumar era um comportamento comum, aceite e socialmente desejável/vantajoso os levou a experimentar fumar: *Gostei de estar o grupo de amigos, crianças, ali como se fossemos adultos a falar e a fumar um cigarro, disse gostei.* (fumador); *“Quem fuma é porreiro!”* (fumadora); *Era mesmo pela imagem (...)* (fumadora); *Dava um aspecto mais resistente, mais forte se uma pessoa fumasse...* (fumador).

Modelagem social – no grupo das mulheres, foi referida a vontade de imitar os modelos sociais: *Ver muita gente a fumar, a minha mãe, gente mais velha na escola, em filmes, na rua, senti curiosidade em experimentar e queria saber como é que era.*

Ambos os grupos referem a pressão da norma social para fumarem, sendo que apenas as mulheres se referem concretamente à modelagem social.

1.1.4 Factores ambientais

Acessibilidade/disponibilidade da substância e preço acessível – ambos os grupos referem a grande disponibilidade e fácil acesso ao tabaco: *Na altura comprei um cigarro avulso, comprávamos num quiosque lá em frente, ao pé da secundária a 20\$ cada.* (fumador); *O primeiro cigarro fui eu que pedi e os outros ia cravando.* (fumador); *Íamos ao quiosque da esquina comprar o tabaco avulso* (fumadora); *Deram-me um cigarro na brincadeira, porque já tinha colegas que fumavam* (fumadora).

Restrições na escola – ambos os grupos referem maioritariamente ausência de restrições neste local: *...na minha [escola] podia-se fumar, no intervalo, a qualquer altura.* (fumador); *Até ao 9º era proibido, no secundário, não havia qualquer problema* (fumadora).

Mudança de ambientes – *Eu saí de uma escola em que não podia fumar para outra com pessoal mais velho, 12º e repetentes, e estávamos em contacto com o fumo diariamente.* (fumador); *Numa altura em que realmente tudo mudou na minha vida (muda o grupo de amigos, a forma como nos relacionamos) e eu queria afirmar-me como mais alternativa.* (fumadora).

Sair à noite – apenas referido no grupo dos homens: *Um dos principais iniciadores do tabaco é a noite, não há hipótese. Quando uma pessoa começa a sair à noite, conviver em ambientes com mais fumo, com bebida, com grupos de amigos...*

Percepção da punição parental – mencionada pelos fumadores, não constituiu um factor impeditivo do início do consumo: *Lembro-me que os dois primeiros maços que comprei deitei-os fora a meio, porque tinha medo de o ter comigo; era muito miúdo e tinha medo que a minha mãe e o meu pai descobrissem.*

Tanto os homens como as mulheres referem como factores relacionados com a experimentação a acessibilidade/disponibilidade da substância, o preço acessível, a ausência de restrições na escola e/ou a capacidade para as ultrapassar e a mudança de ambientes/influências sociais. A influência de “sair à noite” bem como a percepção da punição parental surgem apenas no discurso dos homens.

Quadro 2. Factores de risco relacionados com a experimentação nos grupos de rapazes e raparigas fumadores/as

FACTORES DE RISCO RELACIONADOS COM A EXPERIMENTAÇÃO			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	
		FUMADORES	FUMADORAS
Factores individuais	Rebelia	✓	✓
	Curiosidade	✓	✓
	Noção errada do risco de fumar	✓	
	Norma subjectiva		✓
	Imaturidade		✓
Factores micro-sociais	Familiares fumadores	✓	✓
	Pares fumadores	✓	✓
	Pouca vigilância parental	✓	
Factores macro-sociais	Norma social	✓	✓
	Modelagem social (família, pares, media, sociedade)		✓
Factores ambientais	Acessibilidade/disponibilidade da substância	✓	✓
	Preço acessível	✓	✓

	Restrições na escola	✓	✓
	Mudança de ambientes	✓	✓
	Sair à noite	✓	
	Percepção da punição parental	✓	

1.2 Factores de risco relacionados com o consumo ocasional de tabaco

Tanto o grupo dos homens como das mulheres identifica factores individuais, micro-sociais e ambientais na passagem da experimentação para o consumo ocasional de tabaco, não mencionando nenhum factor macro-social (Quadro 3).

1.2.1 Factores individuais

Falta de consciência da evolução – o aumento do consumo de tabaco, após a experimentação, é descrito como “um processo inconsciente” pelos dois grupos: *Sinceramente acho que não sei. Foi uma progressão gradual.* (fumador); (...) *depois começou a pegar mais na escola e foi-se dando um consumo mais regular, sem eu me dar conta dela...* (fumador); *As vezes seguintes acho que foi um processo um bocado inconsciente...* (fumadora); *Depois, continuar, já não era tanto a curiosidade, mas começa a tornar-se um hábito antes de ir para a escola, tirar um cigarro... uma pessoa eventualmente não repara, mas acabou por se tornar um vício.* (fumadora).

Aumento da dependência física e psicológica – o consumo ocasional é acompanhado por um aumento da necessidade de fumar com mais frequência: (...) *ia passar férias com os meus pais, não tocava num cigarro e isso não me fazia confusão nenhuma. Com o passar dos anos, começou a fazer-me uma certa confusão, a não me sentir bem, a precisar, e até hoje, necessito diariamente do cigarro.* (fumador); *Para nós vai-se tornando um hábito, não gostamos mas vamo-nos acostumando* (fumadora).

Associação comportamental – é importante salientar que, enquanto que as mulheres referem associações sobretudo com o café e com a comida (*la beber café, fumava* [fumadora]), nos homens, o consumo de tabaco surge muito associado ao consumo de álcool, e é um potenciador da passagem de consumidor experimental a ocasional: *À noite é quando uma pessoa começa a beber umas cervejas, a pessoa fica mais liberta e começa a ver os outros a fumar* (fumador).

Capacidade para ultrapassar restrições – referida por ambos os sexos: *Se um empregado visse um mais pequenito fumar, vinha chamar a atenção, enquanto que se fosse um rapaz do secundário não vinha, então isso leva uma pessoa a fumar menos, uma pessoa tinha que se esconder para fumar* (fumador); *Não se podia fumar na escola; Tínhamos que fugir a dizer que íamos comprar rebuçados ou qualquer coisa e lá fumávamos muito escondidas* (fumadora).

Prazer – mencionado apenas pelas mulheres, começar a gostar de fumar: *Acho que me deixei levar muito, não só por gostar de fumar, por prazer mesmo.*

Noção errada do risco de fumar – Apenas as mulheres referiram este factor: *Pensava que como conseguia estar uns dias sem fumar e era só quando saía à noite... mas realmente depois comecei a fumar.*

Intenção de fumar – o grupo das fumadoras referiu a importância da intenção de fumar, prévia ao comportamento, como determinante da passagem de fumador experimental para fumador ocasional: *A minha mãe sempre me disse para não fumar, até me cortou a mesada, mas não adiantou de nada.*

1.2.2 Factores micro-sociais

Grupo de pares de fumadores – ambos os grupos referem o facto de pertencerem a um grupo de pares de fumadores, com os quais convivem diariamente: *Comecei a conviver com colegas da mesma idade que também tinham começado a experimentar e comecei a fumar mais regularmente e mais do que um cigarro por dia e aí já fumava na escola e num contexto mais social.* (fumadora); *Na universidade tenho mais colegas que fumam do que não fumam e então surgia que elas fumavam e então eu pedia “dá-me só um cigarro!”* (fumadora); *Depois, pela questão social, comecei a fumar quando saía ao café à noite, com os amigos...* (fumador); *Continuei a fumar com os colegas* (fumador).

1.2.3 Factores ambientais

Sair à noite – *Eu fumava só ao fim de semana, quando ia para o café.* (fumador); *Comecei a sair mais à noite e acho que a noite tem sempre um papel mais decisivo nos fumadores* (fumador); *Eu comecei a fumar à noite. Saíamos todas juntas e só fumava a noite, de dia aguentava-me perfeitamente, não fumava, só fumava quando saía a noite.* (fumadora).

Acessibilidade fácil e o preço acessível da substância – *Começamos a comprar tabaco a meias* (fumador); *Houve bastante tempo em que eu não comprava tabaco, alguém me dava ou era sempre a meias e dava-nos para 2 ou 3 dias...* (fumadora).

Ausência de restrições – apenas mencionado no grupo dos fumadores: *Na minha escola podia-se fumar* (fumador).

Fazendo uma comparação por sexos, podemos verificar que, em relação aos factores individuais, os factores comuns são a falta de consciência da evolução, o aumento da dependência física, a associação comportamental e a capacidade para ultrapassar barreiras, surgindo no grupo das fumadoras apenas os factores prazer, noção errada dos riscos e intenção de fumar. Ambos os grupos referem o mesmo factor micro-social – pertencer a um grupo de pares de fumadores. A nível dos factores ambientais, ambos referem a convivência social associada a sair à noite bem como a acessibilidade e preço da substância, sendo a ausência de restrições identificada apenas pelo grupo dos homens.

Quadro 3. Factores de risco relacionados com o consumo ocasional de tabaco nos grupos de rapazes e raparigas fumadores/as

FACTORES DE RISCO RELACIONADOS COM O CONSUMO OCASIONAL			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	
		FUMADORES	FUMADORAS
Factores individuais	Falta de consciência da evolução	✓	✓
	Aumento da dependência física	✓	✓
	Associação comportamental	✓	✓
	Capacidade para ultrapassar restrições	✓	✓
	Prazer		✓
	Noção errada do risco de fumar		✓
	Intenção de fumar		✓
Factores micro-sociais	Pares fumadores	✓	✓
Factores macro-sociais	-----	-----	-----
Factores ambientais	Sair à noite	✓	✓
	Acessibilidade da substância e preço	✓	✓
	Ausência de restrições	✓	

1.3 Factores de risco relacionados com o consumo regular de tabaco

Os grupos de fumadores/as identificaram factores individuais, micro-sociais, ambientais e macro-sociais associados ao consumo regular de tabaco (Quadro 4).

1.3.1 Factores individuais

Dependência física e psicológica da substância – ambos os grupos referem que é a partir do momento em que sentem mais necessidade física de fumar que se inicia o consumo regular: *Depois sentia a necessidade de fumar* (fumador); *Uma pessoa eventualmente não repara, mas acabou por se tornar um vício. Se se fica uma semana sem fumar e já se começa a entrar em stress e aí é que se apercebe que está viciado, quando se sente a necessidade física de fumar um cigarro* (fumadora). Referem factores psicológicos como estando ligados à manutenção do consumo: *A mim acalma-me bastante.* (fumador); *O cigarro não é só um vício de nicotina, é também um vício de boca, quando estou parado tenho que estar ocupado, fumar um cigarro ou fazer qualquer coisa* (fumador); *Se não estivesse naquele stress das aulas, talvez conseguisse estar mais tempo sem fumar, mas em tempo de aulas, época de exames e entregas de trabalhos, é para esquecer* (fumador); *É um relaxamento* (fumadora); *É um reforço, depois de estudar, por exemplo* (fumadora).

Associação com outros comportamentos – o consumo de tabaco surge a par de outras actividades e comportamentos do dia-a-dia: *... fumo depois de tomar café, depois das refeições.* (fumador); *...sair à noite e beber uma cerveja...* (fumador); *Acho*

que álcool, café e cigarros anda sempre tudo junto (fumador); Custa almoçar e não fumar um cigarro, ou então acompanhar uma bebida à noite. (fumadora); Queria realçar que quando saio à noite, posso fumar 2 maços de tabaco (fumadora).

Prazer físico que advém do consumo – referido em ambos os grupos: *Gosto de fumar (fumador); Comecei a aperceber-me que sabia muito bem (fumadora).*

Noção errada do risco de fumar – (...) *O que fumo acho que não me faz bem, mas não é por aí também que me vai matar... (fumadora); Ainda não tive tempo de pensar nisso. Mais lá p'ra frente... comecei a fumar há dois, três anos, acho que ainda não é altura para pensar a longo-prazo... (fumadora).*

Falta de motivação para deixar de fumar – tanto os fumadores como as fumadoras revelam que não têm vontade de deixar de fumar: *Não penso muito sinceramente em deixar de fumar (fumador); Sei que faz muito mal e gasto muito dinheiro com isso, mas, no entanto, para deixar de fumar é preciso a pessoa querer mesmo... enquanto eu não impuser a mim própria que tenho que deixar de fumar porque é assim que tem que ser, eu não vou conseguir (fumadora); Neste momento não penso deixar de fumar (fumadora).*

Ocupação do tempo livre – ambos os grupos consideram que o acto de fumar ocupa os momentos de ócio: *Fumo para matar muito tempo livre também (fumador); Estamos no desemprego e não há nada para fazer... (fumadora).*

1.3.2 Factores micro-sociais

Pares fumadores – ambos os grupos referem a pertença a um grupo de amigos onde a maioria fuma como preditora do consumo regular: *A primeira coisa que faço quando chego aqui é fumar um cigarro. Os meus vizinhos também fumam e passam lá em casa: “anda aqui, vamos fumar um cigarrinho!” (fumador); Se sair à noite, se estiver com os meus colegas, fumo mais (fumador); Se eu estiver com um grupo de amigos que não fuma, não tenho tanta tendência a fumar tanto. Se estiver com um grupo de amigos em que todos fumam, se um puxa um cigarro, eu puxo um cigarro... (fumadora); No meu grupo de amigos fumavam todos (fumadora).*

Pouca vigilância parental – apenas o grupo dos fumadores referiu este factor: *Se estiver na minha terra com os meus pais, um maço pode durar-me 5/6 dias. Aqui estou sozinho e posso fumar dentro de casa, no quarto, e na minha terra não.*

1.3.3 Factores macro-sociais

Relativamente aos factores macro-sociais, apenas as mulheres referiram um factor, a norma social – *Era um hábito social.*

1.3.4 Factores ambientais

Ausência de restrições na escola/universidade – referido pelos dois grupos: *Saí da secundária, nem sequer se podia fumar; para se fumar um cigarro no intervalo tinha que ser às escondidas. Cheguei à Universidade, na altura fumava-se em todo o lado, no bar, fosse onde fosse (fumador); A partir do 10º ano, como já era permitido fumar na escola, todos os intervalos fumávamos (...) não havia qualquer entrave por parte da escola e então estávamos à vontade, íamos para o café, fumávamos na escola (fumadora).*

Sair à noite – *Se sair à noite fumo mais (fumador); Quando saio à noite, posso fumar 2 maços de tabaco num dia (fumadora).*

Comparando os dois grupos em relação aos factores identificados em cada categoria, constatamos que os factores de risco individuais são similares maioritariamente, havendo uma pequena diferença: apenas o grupo das mulheres refere a norma subjectiva como um dos factores associados ao consumo regular de tabaco. A nível micro-social, ambos identificam os pares fumadores, sendo que apenas os homens referem a menor vigilância parental, e, a nível ambiental, ambos referem a ausência de restrições na escola e o facto de saírem à noite como determinantes do consumo regular de tabaco.

Quadro 4. Factores de risco relacionados com o consumo regular de tabaco nos grupos de rapazes e raparigas fumadores/as

FACTORES DE RISCO RELACIONADOS COM O CONSUMO REGULAR
--

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	PRESEÇA / AUSÊNCIA	
		FUMADORES	FUMADORAS
Factores individuais	Dependência física e psicológica	✓	✓
	Associação comportamental	✓	✓
	Prazer físico	✓	✓
	Noção errada do risco de fumar	✓	✓
	Falta de motivação para deixar de fumar	✓	✓
Factores micro-sociais	Ocupação do tempo livre	✓	✓
	Pares fumadores	✓	✓
	Pouca vigilância parental	✓	
Factores macro-sociais	Norma social		✓
Factores ambientais	Ausência de restrições na escola/universidade	✓	✓
	Sair à noite	✓	✓

2. Grupos focais dos/as não fumadores/as

Os grupos de não fumadores e de não fumadoras referiram factores de nível individual, micro e macro social como sendo protectores da iniciação ao consumo tabágico. Não foram referidos factores ambientais (Quadro 5).

2.1. Factores protectores da iniciação ao consumo

2.1.1 Factores individuais

Noção do risco de fumar – identificado por ambos os grupos: *Acho que sempre tive a ideia de que fumar fazia mal e que matava ...* (não fumador); *Para mim, fumar e não conseguir respirar enquanto corro, não obrigado, porque isso implica não fazer desporto...* (não fumador); *Comecei a pensar que aquilo realmente tinha muito mais desvantagens do que vantagens e então foi isso que me levou a dizer: não, não quero!* (não fumadora); *Lembro-me de estar muito bem informada a nível de escola; sempre gostei muito de ler revistas ligadas às ciências* (não fumadora).

Atitude negativa em relação ao tabaco – tanto nos homens como nas mulheres não fumadores/as: *É uma forma negativa de lidar com os problemas* (não fumador); *Não vejo factores positivos nisso* (não fumadora).

Características de personalidade – apenas referida pelos não fumadores: *Não era o tipo de adolescente que ia fumar para ir contra...; A curiosidade nunca foi suficiente para se sobrepor ou para fazer mal a mim próprio para descobrir isso.*

Custo económico – os custos económicos que fumar acarretaria foram mencionados apenas pelo grupo das mulheres não fumadoras.

2.1.2 Factores micro-sociais

Informação dada pelos pais – (...) *a mensagem que eles quiseram passar era que fazia mal e explicavam porquê, o vício que era, prejudica a saúde, o impacto financeiro com isso...* (não fumador); *Em casa sempre ouvi os meus pais dizerem os efeitos negativos do tabaco...gastam dinheiro... Sempre disseram que fumar fazia mal...* (não fumadora).

Família (nuclear) de não fumadores – ambos os grupos referem que os familiares próximos não são fumadores: *Nunca estive muito exposto ao ambiente do fumador. Na minha família, pelo menos aquela com quem eu mais convivia, ninguém fumava* (não fumador); *Os meus pais não fumam* (não fumadora).

Pares não fumadores – *O facto de todas essas pessoas que estavam comigo e eram minhas amigas também não fumarem...* (não fumador); *Os meus amigos mais próximos, e acho que isso também teve muita influência, nunca fumaram, também não fui tão vítima dessa pressão de pares...* (não fumadora).

2.1.3 Factores macro-sociais

Conotação negativa do tabaco – (...) *praticar desporto, estar inserido num clube onde quem fumava era altamente reprovado* (não fumador); *Para além dos pais, sempre no meu percurso escolar, não foi visto como uma coisa in, como uma coisa que os fixes fazem. Não. O tabaco era o que os alunos que reprovavam faziam atrás do ginásio* (não fumadora).

Comparando entre sexos, verificamos que homens e mulheres referem as mesmas sub-categorias a nível micro-social, macro-social e individual, onde existe uma sub-categoria identificada apenas pelas mulheres (custo económico).

Quadro 5. Factores protectores dos/as não fumadores/as

FACTORES PROTECTORES DA INICIAÇÃO AO CONSUMO NOS/AS NÃO FUMADORES/AS			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	
		NÃO FUMADORES	NÃO FUMADORAS
Factores individuais	Noção do risco de fumar	✓	✓
	Atitude negativa em relação ao tabaco	✓	✓
	Características de personalidade	✓	
	Custo económico		✓
Factores micro-sociais	Informação dada pelos pais	✓	✓
	Família de não fumadores	✓	✓
	Pares não fumadores	✓	✓
Factores macro-sociais	Conotação negativa do tabaco	✓	✓
Factores ambientais	-----	-----	-----

Discussão

Este estudo procurou identificar factores de risco e factores protectores do consumo de tabaco, através do discurso de fumadores e não fumadores, de ambos os sexos. Os dados obtidos permitiram identificar um número considerável de factores relacionados com as várias fases do consumo, sendo que, na sua maioria, estes foram comumente referidos pelas mulheres e pelos homens. No entanto, há diferenças e dados interessantes que importa observar.

Iniciando pelos dados relativos aos fumadores/as, a nível dos factores de risco ligados à experimentação de tabaco, no que concerne a idade, as mulheres do estudo iniciaram o consumo mais tardiamente do que os homens, o que vai de encontro a autores como Matos e colaboradores (2006) e Puerta e Checa (2007). Ambos os grupos referem a escola ou a casa como local do primeiro consumo, surgindo apenas nas raparigas a sub-categoria “sítios escondidos”, o que pode indiciar uma maior necessidade de esconder o comportamento.

Os factores individuais identificados em ambos os sexos, para a experimentação, estão de acordo com dados de outros estudos, designadamente, a rebeldia, sendo que investigações longitudinais mostram a relação desta característica com o uso de tabaco pelos rapazes e pelas raparigas (Becoña, 2004), e a curiosidade, apontada como a principal motivação para experimentar um cigarro (Piperakis e colaboradores, 2008).

A existência de familiares fumadores surge como factor determinante apenas do consumo experimental, deixando de ser referenciado no consumo ocasional e regular, indiciando que o consumo de tabaco pelos pais tem um impacto marcante a nível da iniciação.

A norma subjectiva surge no consumo experimental como determinante apenas identificado pelas mulheres, o que está de acordo com a literatura, sendo que as raparigas, mais do que os rapazes, acreditam que fumar lhes permite receber mais atenção dos amigos e estar mais seguras com os outros (Puerta & Checa, 2007; Vitória, Silva, & deVries, 2007). Também o peso da modelagem social é referido apenas no sexo feminino. Estudos indicam que, de facto, são as mulheres quem está mais susceptível aos modelos apresentados socialmente, bem como ao impacto da publicidade e marketing (Hublet, Lambert, Verduyck, Maes, & Broucke, 2002).

A nível ambiental, a acessibilidade, disponibilidade da substância e preço acessível são descritos como determinantes tanto do consumo experimental como do ocasional e deixam de ser referidos no consumo regular, o que pode indicar que são factores com maior peso no início do consumo. “Sair à noite” surge como determinante ambiental do consumo, por ambos os sexos na fase de consumo ocasional e regular, com a particularidade de ser identificado como factor experimental apenas pelos

rapazes, o que parece atribuir a este contexto uma maior importância enquanto desencadeador do primeiro consumo ao sexo masculino.

Debruçando-nos nos factores de risco relacionados com o consumo ocasional, claramente as fumadoras identificam sobretudo factores individuais e em número superior ao dos fumadores, que identificam quase na mesma quantidade factores individuais e ambientais. A primazia dada pelas mulheres a estes factores, nesta fase, pode ser um indicador da importância que o tabaco assume a nível pessoal aquando do consumo mais frequente, realçando-se a intenção de fumar e o prazer obtido na substância (factores que surgem, aqui, apenas no sexo feminino), o que, segundo Ariza e Nebot (2002), está relacionado com a maior necessidade de utilizar o tabaco como forma de lidar com estados de ansiedade/stress, e potencia, mais frequentemente do que os rapazes, a passagem de fumadoras ocasionais a regulares.

Os factores ligados ao consumo regular de tabaco são maioritariamente os mesmos em ambos os grupos. De realçar que a norma social é apenas referida pelas mulheres, sendo um indicador de que estas percebem o comportamento tabágico como normativo e que isso influencia a sua conduta, o que não se verifica nos homens.

Relativamente aos factores protectores da iniciação ao consumo tabágico, identificados pelos grupos de não fumadores e não fumadoras, ter noção do risco de fumar é um dos principais factores de protecção individuais, sendo que a noção errada destes riscos está presente em todas as fases do consumo dos/as fumadores/as, como atestam, por exemplo, Lundborg e Lindgren (2004), num estudo com adolescentes dos 12 aos 18 anos, onde os indivíduos com percepção do risco mais elevada, acerca de ter cancro da garganta, tinham menor probabilidade de ser fumadores. A atitude negativa em relação ao tabaco, não encontrada no grupo de fumadores/as, está associada com uma maior probabilidade de ser não fumador/a, como descrevem Castrucci, Gerlach, Kaufman e Orleans (2002). Não são, no entanto, referidas variáveis individuais referidas em grande número de estudos, como a satisfação com o peso, a imagem corporal e as competências de recusa, por exemplo (Hublet et al., 2002).

A nível micro-social, a informação dada pelos pais acerca do tabaco parece ter um efeito protector na iniciação do consumo, como indicam Piperakis e colaboradores (2008), em que a desaprovação dos pais do comportamento de fumar está negativamente relacionada com a iniciação desse comportamento). Da mesma forma, a nível macro-social, sendo o consumo parental um dos preditores mais fortes do consumo em ambos os sexos, faz sentido que a inexistência de familiares próximos fumadores seja um factor protector, bem como a pertença a um grupo de não fumadores. A nível macro-social, o facto de não perceberem vantagens associadas ao consumo de tabaco parece ser preponderante.

Por fim, importa salientar três factores transversais às fases do consumo de tabaco: tanto no consumo experimental, como no ocasional e no regular, a sub-categoria “noção errada dos riscos de fumar” surge como factor individual; a nível micro-social, o facto de pertencer a um grupo de pares onde a maioria dos elementos fuma é um determinante referido em todas as fases do consumo e por ambos os sexos, o que denota a importância atribuída a este factor e que, de resto, é corroborado por vários estudos (Ariza & Nebot, 2002; USDHHS, 2001); e, por fim, a nível ambiental, a sub-categoria “sair à noite”, o que denota a interacção constante entre os vários tipos de determinantes.

Estes resultados devem, contudo, ter em conta as limitações do estudo. Em primeiro lugar, seria útil a realização de mais do que um grupo focal por condição, como forma de obter dados mais consistentes. Além disso, uma dificuldade inerente ao carácter qualitativo do estudo é o facto de o auto-relato poder ser influenciado por viés da memória, sendo que relatar eventos do passado pode ser alterado pela interpretação posteriormente elaborada. Por fim, a opção do tratamento de dados em termos de presença/ausência das sub-categorias identificadas pode deixar escondidos factores que uma análise do discurso mais aprofundada poderia assinalar. Todavia, este tipo de estudo mostrou-se relevante e adequado para os objectivos do estudo,

tendo como principal vantagem o facto de ser mais do que a mera soma de entrevistas individuais, pela informação que surge e é recriada em contexto de interacção.

CONCLUSÃO: Este estudo foi desenhado para fornecer dados acerca dos determinantes do consumo de tabaco, através da consulta de fumadores e não fumadores. Não tendo fornecido dados exaustivos acerca dos determinantes do consumo de tabaco, sobretudo os de nível macro-social, esta investigação permitiu identificar vários factores associados às diferentes fases do consumo. Algumas diferenças entre sexos são assinaláveis: factores como a modelagem social, a norma subjectiva, a norma social, o prazer e a intenção de fumar parecem estar mais associados ao consumo pelas mulheres, e factores como sair à noite e a ausência de restrições parecem ser factores mais específicos dos homens, que merecem uma atenção detalhada. Estes resultados sugerem também a complexidade dos factores envolvidos e vêm reforçar a necessidade da realização de estudos quantitativos para aprofundar o conhecimento da etiologia do consumo de tabaco por sexos. É da maior relevância ter em conta as especificidades relacionadas com o consumo, aquando do desenho de programas e acções destinados a prevenção (primária e secundária) do consumo de tabaco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ariza, C., & Nebot, M. (2002). Predictores de la iniciación al consumo de tabaco en escolares de enseñanza secundaria de Barcelona e Lleida. *Revista Española de Salud Pública*, 76(3)227-238.
- Barbour, R.S., & Kitzinger, J. (1999). *Developing focus group research*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Bardin, L. (2007). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Becoña, E. (2004). Factores asociados al consumo de tabaco en la mujer y medidas preventivas. *Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Tabagismo*. Universidade do Minho: Centro de Investigação em Educação.
- Castrucci, B. C., Gerlach, K. K., Kaufman, N. J., & Orleans, T. (2002). The association among adolescent's tobacco use, their beliefs and attitudes, and friend's and parents' opinions of smoking. *Maternal and Child Health Journal*, 6(3), 159-167.
- Currie, C. et al., eds. (2000). *Health and Health Behaviour among Young People. International report from the 1997/1998 survey*. Copenhagen: World Health Organization Regional Office for Europe.
- Currie, C. et al., eds. (2004). *Health and Health Behaviour among Young People. International report from the 2001/2002 survey*. Copenhagen: World Health Organization Regional Office for Europe.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. New York: SAGE publications.
- Fowler, F.J. (1993). *Survey Research Methods*. 2ª Edição. Newbury Park: SAGE Publications.
- Hublet, A., Lambert, M., Verduyck, P., Maes, L., & Broucke, S. (2002). Report *Gender Differences in Smoking in Young People*. Brussels, Belgium : Flemish Institute for Health Promotion.
- INE. 4.º Inquérito Nacional de Saúde – 2005/2006. Consultado em, acedido em 06-08-2007). Disponível em http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=6487190&att_dis_play=n&att_download=y.2007.
- Krueger, R. A. (1998). *Developing questions for focus groups* (Vol. 3). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Lundborg, P., & Lindgren, B. (2004). Do they know what they are doing? Risk perceptions and smoking behavior among swedish teenagers. *The Journal of Risk and Uncertainty*, 28(3), 261-286.
- Matos, M., G., Simões, C., Gaspar, T., Tomé, G., Ferreira, M., Linhares, F., Diniz, J., & Equipa do Aventura Social (2006). *A saúde dos adolescentes portugueses hoje e em 8 anos – Relatório Preliminar do estudo HBSC 2006*.

- Morgan, D. L. (1997). *Focus Groups as Qualitative Research*. London: SAGE Publications.
- Morgan, D. L. (1998a). *Planning Focus Group* (Vol. 2). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Morgan, D. L. (1998b). *The Focus Group Guidebook*. (Vol. 1). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Piperakis, S.M., Garagouni- Araiou, F., Argyracouli, E. Piperakis, A. S., Iakovidou-Kritsi, Z., & Triga, A. (2008). A survey on smoking habits and attitudes among adolescents in Greece. *International Journal of Medicine and Health*, 20(1), 63-71.
- Precioso, J. (2004). Quando e porquê começam os estudantes universitários a fumar: implicações para a prevenção. *Análise Psicológica*, 3(XXII), 499-506.
- Puerta, I. N., & Checa, M. J. (2007). *Libro blanco sobre mujeres y tabaco. Abordage con una perspectiva de género*. Comité Nacional para la Prevención del Tabaquismo. Ministério de Sanidad y Consumo.
- USDHHS (2001). *Women and smoking: a report of the Surgeon General*. Washington DC: US Department of Health and Human Services, Public Health Services.
- Vitória, D., Silva, S., & Devries, H. (2007). Porque fumam cada vez mais raparigas?... Diferenças entre rapazes e raparigas nos motivos para fumar. In *Percursos da Investigação em Psicologia Social e Organizacional* (volume III). Lisboa: Edições Colibri.

Recebido em 20 de Setembro de 2008

Aceite em 22 de Setembro de 2008